

CORFEBOL E AS QUESTÕES DE GÊNERO: ESTRATEGIAS DE TREINAMENTO NA PERSPECTIVA DE TREINADORES

KORFBALL AND GENDER ISSUES: TRAINING STRATEGIES IN COACHES' PERSPECTIVE

CORFEBOL Y LAS CUESTIONES DE GÉNERO: ESTRATEGIAS DE ENTRENAMIENTO EN LA PERSPECTIVA DE ENTRENADORES

Renata Laudares Silva¹
Elisangela Gisele do Carmo²
José Pedro Scarpel Pacheco³
Raiana Lídice Mor Fukushima⁴
Nara Heloisa Rodrigues⁵
Gisele Maria Schwartz⁶

Resumo: O presente estudo investigou as estratégias de *coping* adotadas por treinadores de Corfebol do Brasil e da Argentina, para minimizar a desigualdade de gênero. Quanto às estratégias de enfrentamento, os treinadores salientaram a importância da educação de valores e a importância das regras e as metas do Corfebol para minimizar a desigualdade de gênero, favorecendo o ambiente de igualdade. Pode-se constatar com este estudo que em situações complexas, os treinadores adotariam posturas relacionadas ao diálogo, as quais contribuiriam para minimizar qualquer ocorrência de preconceito ou discriminação de gênero que pudesse comprometer a equipe. **Palavras-chave:** Gênero. Empoderamento. Corfebol. *Coping*. Esporte.

Abstract: The present study investigated the coping strategies, adopted by korfbal coaches from Brazil and Argentina, that minimize gender inequality. Coaches emphasized the importance of value education as well as the rules and goals of korfbal as coping strategies to minimize gender inequality, favoring social equality. It demonstrated that in complex situations, coaches would adopt positions related to the dialogue, which would contribute to minimizing any occurrence of gender prejudice or discrimination that could compromise the team.

Keywords: Gender. Empowerment. Korfbal. Coping. Sport.

Resumen: El presente estudio investigó las estrategias de coping adoptadas por los entrenadores de Corfebol de Brasil y Argentina para minimizar la desigualdad de género. En cuanto a las estrategias de enfrentamiento, los entrenadores subrayaron la importancia de la educación de valores y la importancia de las reglas y las metas del Corfebol para minimizar la desigualdad de género, favoreciendo el ambiente de igualdad. Se puede constatar con este estudio que en situaciones complejas, los entrenadores adoptaría posturas relacionadas al diálogo, las cuales contribuirían para minimizar cualquier ocurrencia de prejuicio o discriminación de género que pudiera comprometer al equipo.

Palabras-clave: Género. Empoderamiento. Korfbal. Afrontamiento. Deporte.

Envio 07/06/2018

Aceite 04/01/2019

¹ **Renata Laudares Silva:** Doutoranda em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (UNESP), Mestre em Ciências da Motricidade (UNESP), Graduada em Educação Física (UNESP). Email: renata.laudares@gmail.com

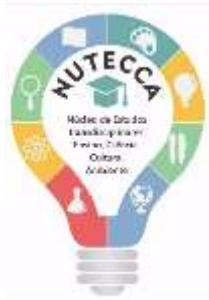
² **Elisangela Gisele do Carmo:** Doutoranda em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (UNESP), Mestre em Ciências da Motricidade (UNESP). Email: elisangelagiseledocarmo@gmail.com

³ **José Pedro Scarpel Pacheco:** Mestrando em Ciências da Motricidade (UNESP). Graduado em Educação Física (UNESP). E-mail: josep.pacheco@hotmail.com

⁴ **Raiana Lídice Mór Fukushima:** Doutoranda e Mestre em Ciências da Motricidade (UNESP), Graduada em Gerontologia (UFSCar). Email: r_fukushima@live.com

⁵ **Nara Heloisa Rodrigues:** Doutoranda em Ciências da Motricidade (UNESP), Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (UNESP). Email: narahelo@hotmail.com

⁶ **Gisele Maria Schwartz:** Professor Adjunto (UNESP). Coordenadora do LEL–Laboratório de Estudos do Lazer. E-mail: schwartz@rc.unesp.br



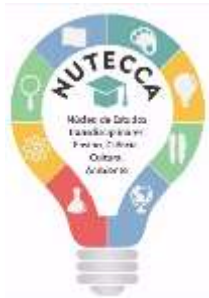
Introdução

As interfaces entre esporte e gênero sempre despertaram polêmica e o interesse de diversos estudiosos, em diferentes campos do conhecimento (Masci et al., 2017; Plaza et al., 2017). No âmbito da Psicologia do Esporte, os enfoques relacionando gênero e a participação no esporte variam bastante, uma vez que este campo permite abordagens diversificadas, conforme as interfaces que são elaboradas.

Diferentes estudos tem sido desenvolvidos na tentativa de buscar a compreensão sobre as relações de gênero e a participação no esporte, tendo por base a motivação, avaliando as diferenças disposicionais nas perspectivas de objetivos e razões de participação em contextos esportivos. Estes estudos apontam que atletas do gênero masculino se mostraram mais ego-orientados do que representantes do gênero feminino (White; Duda, 1994). Outro estudo, com base na teoria da avaliação cognitiva (Fortier et al., 1995), apontou diferenças de gênero e a motivação, nas estruturas do esporte em níveis competitivo e recreativo, em que atletas em nível competitivo apresentaram menos motivação intrínseca para experimentar estimulação e realização de tarefas, do que os atletas de esportes recreativos. Atletas do gênero feminino apresentaram-se mais intrinsecamente motivadas e menos a motivação.

Diferentes perspectivas são dadas aos estudos sobre as questões de gênero e as atrações e cruzamentos de fronteiras entre a Psicologia do Esporte e os atletas (Moles; Petrie; Watkins Jr., 2016). Outras pesquisas salientaram as diferenças de gênero quanto ao papel dos estados subjetivos, a empatia e a agressividade no esporte (Stanger; Kavussanu; Ring, 2016). Com o olhar preocupado com a desigualdade de gênero e a sub-representação feminina nas lideranças esportivas, pesquisas afirmam que a determinação das causas e das medidas de intervenção desta sub-representação está relacionada com fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, os quais influenciam a participação das mulheres na liderança esportiva, alertando para o papel decisivo da implementação de políticas públicas que possam colaborar para minimizar as diferenças neste setor (Mwisukha; Gitonga; Wanderi, 2010).

Faz-se necessário e de suma importância, que outros órgãos ligados ao esporte, como o Comitê Olímpico Internacional (COI), em fomentar ações que visam a inserção de estratégias relacionadas a igualdade de oportunidades entre os gêneros, no caso a participação



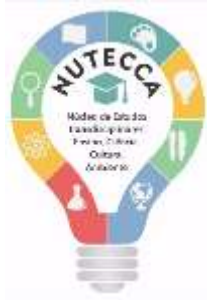
da mulher em eventos olímpicos, assim como de ações voltadas para a diminuição da corrupção presente nas últimas edições dos jogos, importância do legado deixado pelo evento, empoderamento dos atletas, ações antidoping entre outras (Rubio, 2016). Espera-se com a Agenda 20 + 20, provocar a abertura de um diálogo junto aos comitês olímpicos, mostrando possibilidades de inclusão e transformação de uma das instituições esportivas mais fechadas do planeta, segundo a autora.

Esses estudos, geralmente, estão centrados na compreensão do contexto comum dos esportes, cuja característica é o de sectarizar mulheres e homens em modalidades socialmente aceitas como adequadas a cada gênero. Entretanto, nota-se uma lacuna de abordagens, na Psicologia do Esporte, quando o enfoque recai em uma modalidade na qual a igualdade de gênero se faz presente desde sua origem, como o Corfebol, cujas regras enfatizam princípios que já fomentam uma vivência uniforme na modalidade, sem validar práticas generificadas, ou atitudes que valorizam apenas um dos gêneros.

O Corfebol é um esporte de origem holandesa, tendo sido criado em 1902. Esse esporte possui algumas peculiaridades que o torna único e original, no que tange a trabalhar a igualdade de oportunidades no contexto esportivo entre os gêneros, rompendo com os padrões tradicionais esportivos presentes na maioria dos esportes coletivos e contribuindo para oportunidades iguais de participação no jogo (Silva et al., 2017).

A obrigatoriedade da presença feminina na composição das equipes e a regra que prevê mulheres marcando mulheres e homens marcando homens, tornam o Corfebol o único esporte no mundo, até a atualidade, no qual, desde a sua origem, a mulher já se vê incluída (Gubby; Wellard, 2015). Outro fator que o torna especial é o contato físico controlado, enfatizando a não violência, já que uma das regras impõe ser proibido bloquear, segurar ou agarrar o adversário. A cooperação é outro princípio marcante do Corfebol, uma vez que, sem poder driblar a bola, o atleta se vê obrigado a passá-la, pensando na equipe (Crum, 1988).

Alguns estudos sobre esta modalidade já vem sendo delineados em outros campos do conhecimento, como na Sociologia do Esporte, focalizando o Corfebol junto a promoção de uma análise crítica sobre esse esporte tido como não-sexista (Crum, 1988). Outros estudos focaram na igualdade de gênero no esporte e na neutralidade do Corfebol (Gubby; Wellard,



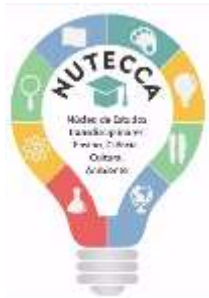
2015). Já na área de Saúde e atividade física, pesquisas apontam aspectos ligados ao gênero e à prática do Corfebol (Moolenijzer, 1971; Thompson; Finnigan, 1990; Silva et al., 2017).

No entanto, ao se focalizar o olhar na produção de estudos da área de Psicologia do Esporte, percebe-se a escassez de trabalhos envolvendo a igualdade de gênero e o Corfebol, nos periódicos desta área. Assim, diversas lacunas são ainda passíveis de estudos, como a compreensão sobre as maneiras com que técnicos se preparam e lidam com esse esporte singular, ou sobre as estratégias de *coping* utilizadas (McCain, 2018; Folkman, 2013), quando há alguma quebra dos padrões de gênero nesta modalidade esportiva.

O termo *coping* pode ser compreendido como uma estratégia de enfrentamento, diante de uma circunstância adversa ou condição estressante (Lazarus, 1996; Lazarus; Folkman, 1984). Sendo assim, a capacidade de enfrentamento ou transposição de uma barreira está diretamente ligada a existência desta barreira, dificuldade ou estresse (Thompson et al., 2018; Lo Buono et al., 2017). Entende-se por estresse todo contexto que impõe aos indivíduos uma carga maior do que ele está apto a gerenciar, ou seja, sempre que uma pessoa tem dificuldade em gerenciar uma situação e transpô-la, esta situação pode ser definida como estressante (Thompson et al., 2018; Folkman, 2013).

Algumas pesquisas procuraram identificar as estratégias utilizadas por treinadores, ligadas ao sucesso desportivo e foi constatado que, dentre as mais diferentes competências psicológicas, a motivação é uma característica fundamental e está diretamente ligada ao sucesso e no que tange as estratégias de *coping* utilizadas para lidar com situações estressantes (Dias; Cruz; Fonseca, 2010). Os autores evidenciaram estratégias ligadas ao autocontrole emocional e redução da tensão e reavaliações positivas das situações. Foi apontado também que as estratégias podem mudar dependendo do tipo e nível da competição esportiva.

Uma das justificativas para o desenvolvimento da presente pesquisa, centra-se no fato de que, ao se analisarem os estudos de Psicologia do Esporte enfatizando treinamentos esportivos e as variáveis de gênero, percebe-se que estes ainda não focalizam especificamente a realidade do Corfebol. Considerando o ineditismo e a importância da produção de novas reflexões que possam tratar das interfaces de aspectos referentes à Psicologia do Esporte, igualdade de gênero e Corfebol, este estudo tem por objetivo investigar as estratégias de



coping ou enfrentamento da desigualdade de gênero, adotadas por treinadores de Corfebol de equipes da América do Sul, envolvendo representantes do Brasil e da Argentina.

Método

Este estudo qualitativo (Richardson, 2017) constou de pesquisa exploratória, desenvolvida por meio da aplicação de questionário *online*, contendo perguntas abertas referentes às estratégias de *coping* ou enfrentamento da desigualdade de gênero, em equipes de Corfebol, focalizando os países de maior representatividade desta modalidade (Brasil e Argentina) no cenário esportivo da América do Sul. A amostra intencional participante do estudo foi composta por 2 treinadores, sendo um de equipe brasileira e outro de equipe argentina, os quais aceitaram participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, atendendo aos procedimentos éticos de pesquisas com seres humanos. Os dados foram analisados descritivamente, por meio da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011), sendo estabelecidas a posteriori três categorias de análise, a saber: 1) Motivos para treinar equipe mista, 2) Estratégias de enfrentamento da desigualdade de gênero em treinamentos e 3) Papel do Corfebol para minimizar a desigualdade de gênero.

Resultados e Discussão

Quanto à caracterização da amostra, a treinadora brasileira é técnica de Seleção sub-19, de uma cidade do interior de SP/Brasil, gênero feminino, com idade de 45 anos, nível de escolaridade de Pós-graduação e possui 5 anos de prática nessa função. O treinador argentino atua na área escolar, em uma cidade do interior da Argentina, gênero masculino, com idade de 53 anos, nível de escolaridade referente à Licenciatura em Educação Física e desenvolvendo o Mestrado, com tempo de prática de 7 anos.

Em ambas as equipes, os treinadores salientaram que não existe a figura do psicólogo do esporte acompanhando os treinamentos. A brasileira evidenciou desconhecer equipes de Corfebol que possuam acompanhamento de um psicólogo, justificando que esta é uma modalidade relativamente desconhecida, ainda pouco difundida na América do Sul e com restrito apoio de patrocinadores. Já o treinador argentino salientou não julgar necessária a

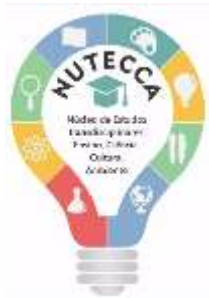


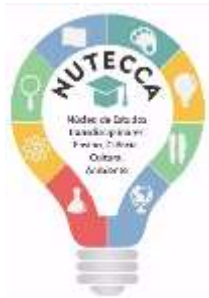
figura do psicólogo do esporte, haja vista que o tempo de atuação como treinador lhe favorece um bom desempenho nos ajustes com a equipe.

O trabalho do psicólogo do esporte já tem sido reconhecido, sobretudo, para auxiliar os atletas a lidar com os diversos elementos estressores que permeiam a vivência esportiva (Johnson, 2017). Entretanto, nem sempre a figura do psicólogo do esporte está presente nas equipes, mesmo naquelas modalidades que já fazem parte de alguma federação. A preparação psicológica, assim como, a física, a técnica e a tática, são fatores cruciais para o atleta, devendo ser valorizadas, pois, trabalhadas em conjunto, oferecem à equipe e aos atletas maiores possibilidades de atingirem os resultados desejados (Andrade et al., 2015).

Alguns fatores desencadearam o crescimento pelo interesse na Psicologia do Esporte, tais como, o desenvolvimento das atividades esportivas como ocorrência social e a verificação da realização de eventos esportivos de forma mais constante (Andrade et al., 2015). Tais fatores reafirmaram a necessidade da presença do psicólogo do esporte auxiliando treinadores, atletas e equipes esportivas, no sentido da melhoria do desempenho esportivo. Entretanto, autores criticam o fato de que, inúmeras equipes esportivas não conta com um psicólogo esportivo como membro da equipe técnica, chegando, ao ponto de recorrer a este profissional, apenas quando a equipe está passando por dificuldades (Rose Junior, 1992; Lopes et al., 2013).

Não raro, os próprios atletas procuram as formas mais adequadas para lidar com os aspectos emocionais advindos da prática de esportes, desenvolvendo o que denominam de habilidades do desportista consigo mesmo. Entretanto, dependendo da forma como eles gerenciam suas emoções e possibilidades de enfrentamento de situações-problema, esses elementos são capazes de impactar diretamente as performances, de forma positiva ou negativa (Riera et al. 2017).

Quando há uma lacuna no acompanhamento do psicólogo do esporte em uma equipe, geralmente, o treinador passa a assumir uma figura de destaque na mediação de conflitos e outros problemas decorrentes do esporte, como um mentor. No caso das questões envolvendo diferenças de gênero, dependendo da forma como o treinador encare as orientações sexuais, ou mesmo, os papéis de cada atleta dentro de uma equipe mista, pode gerar entraves significativos. O próprio treinador precisa compreender estas situações e estar preparado e

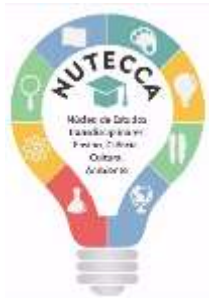


aberto para aceitar as diferenças e utilizar argumentos para manter a neutralidade nos embates e solucionar possíveis problemas.

No que tange às categorias elencadas para a análise, quanto à categoria 1 - motivos para treinar uma equipe mista, os técnicos evidenciaram que as premissas e características peculiares a modalidade esportiva Corfebol representaram fatores motivadores para o engajamento. As diferenças existentes nas características desta modalidade em foco, em relação a aspectos como inclusão, respeito, colaboração, cooperação e a garantia das regras sobre a integridade física e igualdade de participação (IKF, 2017), foram as justificativas elencadas pela treinadora brasileira, para escolher este tipo de esporte para treinar. No caso do treinador argentino, o que o motivou foi a necessidade de demonstrar que não é impossível trabalhar com ambos os sexos nas atividades desportivas.

Na esfera esportiva, a motivação é um dos fatores mais importantes, sobretudo, em equipes de alto rendimento. Este elemento perpassa todos os protagonistas, desde atletas, treinadores, dirigentes, até os gestores, patrocinadores e público torcedor. Entretanto, enquanto a motivação de atletas tem sido amplamente estudada e pesquisada (Dias; Cruz; Fonseca, 2010), ao se analisarem as pesquisas sobre os fatores motivacionais envolvendo os treinadores, pode-se perceber que estes não obtiveram, ainda, a mesma atenção (Mallett; Hanrahan, 2004; McLean; Mallett, 2012). Em todos os níveis esportivos, o treinador é visto como um “arquiteto da motivação” (Mallett; Hanrahan, 2004), sendo este um agente que permite à equipe avançar e atingir os objetivos pré-definidos e uma alta performance (McLean; Mallett, 2012).

Os fatores que motivam os treinadores, tanto para iniciarem suas carreiras esportivas, como para continuarem nela, podem ser elencados como a conexão com o esporte, com os outros participantes (atletas, outros treinadores, outros membros da equipe técnica), além do desejo de repassar este conhecimento adiante, desejo de provar sua capacidade; desenvolvimento dos atletas e deles mesmos, como treinadores; ser bem sucedido; influências externas, tais como metas institucionais e rankings de performance dos atletas; influências internas, tais como prazer, amor e prazer pelo esporte e treinamento daquela modalidade (McLean; Mallett, 2012). Também, segundo o mesmo estudo, foi citado o fato dos treinadores já terem competido em um alto nível no esporte escolhido, fazendo com que este sinta uma



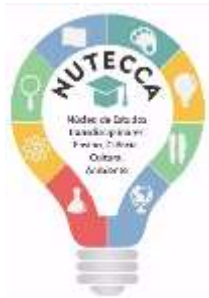
forte ligação com o mesmo. Os dados do presente estudo corroboram alguns desses aspectos, relativos à afinidade e à sensação de forte ligação com a modalidade que treinam.

Em relação à categoria 2 – estratégias de enfrentamento da desigualdade de gênero em treinamentos, os treinadores foram arguidos sobre suas posturas diante de alguma situação ou manifestação de desvalorização da atleta mulher, durante o treinamento ou no jogo, evidenciando que sempre procuram supervisionar as ações dos jogadores, porém, não é muito comum essa manifestação, porque as regras ressaltam que todos os elementos da equipe têm que participar do jogo em igualdade de condições. O treinador argentino salientou que, geralmente, não ocorre a desvalorização da mulher em situação de treinamento. Entretanto, caso isto viesse a ocorrer, ele adotaria a estratégia de trabalhar em sentido formativo e dialogar sobre a importância de sentir e desenvolver a concepção de equipe. Ele também aponta a necessidade de trabalhar permanentemente com valores, fomentando o respeito mútuo.

No contexto esportivo, a desigualdade entre os gêneros, se dá por diversos motivos, dentre eles, as diferenças biológicas entre homens e mulheres e a falta de políticas públicas que favoreçam a entrada da mulher no meio esportivo (Capranica et al., 2013). Outros fatores também contribuem para essas discrepâncias entre os gêneros no esporte, como os de ordem social e políticos (Gubby; Wellard, 2015), a carência de incentivos e patrocínios (Mezzadri et al., 2014) e a restrita oportunidade da participação feminina em cargos esportivos e de gestão (Rubio et al., 2016).

Outro questionamento feito aos treinadores participantes do estudo, o qual fez parte da categoria 2, foi sobre as formas adotadas para auxiliarem suas equipes a lidar com situações estressantes, as quais tendessem a contrapor homens e mulheres. Os treinadores enfatizaram que, desde o início do trabalho, tiveram poucos problemas com esta questão. O treinador argentino ainda argumentou que o trabalho prévio e o contato realizado por vários anos, favoreceu um clima de igualdade na equipe, minimizando as situações estressoras entre os gêneros. Porém, ele ressaltou, que, se houvesse tal situação, ele utilizaria como estratégia o diálogo com todos, para auxiliar a solucionar algum inconveniente que surgisse.

Desenvolver estratégias de *coping* no esporte é fundamental e, geralmente, são centradas na resolução de problemas (*problem-focused coping*), na regulação das emoções



(*emotion-focused coping*) e em outros aspectos (Balbinotti; Withaeuper; Barbosa, 2013). Contudo, não há estratégia modelo, dado que o nível de eficácia é determinado a partir dos recursos disponível àquele indivíduo, assim como, do tipo de problema (Gomes; Pereira, 2008). Sendo assim, o desenvolvimento das estratégias de *coping* sofre influências das características de personalidade, culturais e do contexto (Laborde et al., 2017).

Em relação às estratégias utilizadas para enfrentamento especificamente de episódios de preconceito ou discriminação (externo à equipe ou internamente) contra a atleta feminina na equipe de Corfebol, a treinadora brasileira afirmou que ainda não se deparou com situação semelhante, nem dentro, nem fora da equipe. Já o treinador argentino salientou que as estratégias por ele utilizadas reforçam a ideia do trabalho conjunto, portanto, diminuem a chance de ocorrência de episódios de preconceito durante os treinamentos. Já quanto ao ambiente externo, esse treinador evidenciou que os colegas dos atletas costumam fazer diferenciações, desvalorizando o esporte, por ser misto. Para lidar com esta situação, ele considera importante difundir o Corfebol e seus resultados, para que este se torne mais conhecido e aceito.

Esta discriminação de gênero ocorrida no âmbito esportivo permeia a realidade dos atletas de diversos níveis e traz consigo estereótipos que são perpetuados. Ainda se percebe que os esportes são considerados arenas com perfil masculino (Jones et al., 2017), como se pode notar pela divisão de gênero que ocorre nos principais campeonatos existentes no mundo, como os Jogos Olímpicos.

A ideia original de que nos esportes está concentrada a maior quantidade de atletas homens tem base no forte domínio histórico, em que o gênero masculino representa o lado forte e a dominação (Sudai, 2017). Esta representação negativa perante o sexo feminino produz atitudes e condutas opressoras e discriminatórias (Nogueira et al., 2017) definindo nas mulheres um comportamento de adaptação ao esporte, condicionado às características masculinas de não aceitação, ou gerando a desistência de ser atleta de determinados esportes (Krane, 2016). É possível, também, ocorrer um conflito de papéis, em que as atletas femininas são vistas como masculinizadas, produzindo comportamentos generificados, na tentativa de cumprir papéis masculinos dentro da equipe esportiva, em contradição com sua condição feminina (Sudai, 2017). Ainda, as variáveis envolvendo outros gêneros socialmente aceitos na

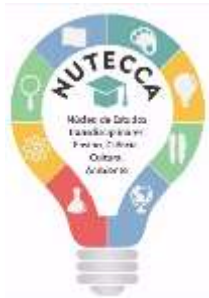


atualidade (transgêneros, lésbicas, gays e afins), ainda não são tomadas em foco com frequência nos estudos da área, portanto, não foram devidamente esclarecidas, merecendo novos aportes teóricos.

Estudos que têm por objetivo compreender o empoderamento feminino no esporte e como se processa esta inclusão e suas repercussões dentro do âmbito esportivo (Abdel-Shehid; Kalman-Lamb, 2017; Jeanes; Magee, 2013), já mostram uma tendência de mudanças ocorridas no conceito de que determinados esportes são destinados a este, ou àquele gênero. Entretanto, ainda existe o receio, por parte das próprias mulheres, de procurarem por esportes com caráter masculinos, mesmo com a tendência de crescimento da participação feminina nos esportes (Deaner; Balish; Lombardo, 2017). A discriminação feminina nos esportes é, ainda, menor do que em relação ao que acontece com Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT), impactando negativamente na vida destas pessoas (Krane, 2016). Como resultado desta discriminação, encontram-se relatos de isolamento e depressão (Lawley, 2018).

O esporte, por si só, possui um peso nos moldes que definem os atletas em suas atitudes, condutas e conceitos, tornando-se uma importante arena para a igualdade de gênero, sendo que o treinador pode representar o facilitador ou não de mudanças positivas (Burton, 2015). A importância da conscientização da inserção de mulheres, assim como, dos indivíduos LGBT, em prol da igualdade de gênero, é uma responsabilidade do esporte, já que, sendo uma organização democrática e popular, seus elementos podem repercutir diretamente na sociedade Krane (2016). Cabe ressaltar um projeto europeu, o *PsyTool* (Cruz et al., 2017) que tem como meta, promover o bem-estar psicológico de jovens atletas, independente de gênero, etnia ou religião, por meio da prática esportiva em ambientes seguros, visando seu desenvolvimento pessoal de maneira plena. A plataforma ainda conta com uma ferramenta, a qual promove o treinamento de agentes de mudanças, como treinadores, professores de educação física, pais entre outros, no sentido de agirem como promotores do bem-estar, fomentando atitudes e promovendo experiências positivas no âmbito do esporte.

No que tange à categoria 3 - papel do Corfebol para minimizar a desigualdade de gênero, os treinadores salientaram que, por ser esta uma modalidade coletiva mista, pode ser tomada como exemplo para a promoção da igualdade de gênero no esporte, uma vez que cada jogador tem sua importância, conforme suas habilidades. Além disto, os valores promovidos



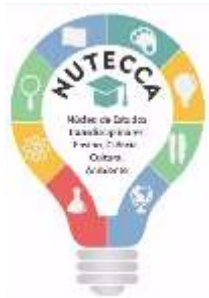
por este esporte fomentam a igualdade, bastando conhecê-lo para se dar conta da importância de sua difusão como elemento formativo.

No contexto esportivo, o Corfebol é a única modalidade jogada coletivamente e de forma mista, trazendo consigo, portanto, elementos que fomentam, já por natureza, a igualdade de gênero (IKF, 2017; Silva et al., 2017; Kirkby, 2016). Os esportes ditos “alternativos”, como é o caso do Corfebol, por possuírem liberdade de mesclar os gêneros em suas formações, tendem a não fomentar práticas sexistas e relacionadas a hegemonia de gênero (Carballos, 2016), entretanto, tornam-se necessários outros estudos, que enfatizem o potencial do Corfebol como um espaço democrático, o qual, por meio de seus conteúdos disseminados, pode contribuir efetivamente para a equidade de gênero.

Considerações finais

Quanto ao objetivo deste estudo, o qual procurou investigar as estratégias de *coping* adotadas por treinadores de Corfebol do Brasil e da Argentina, no sentido de minimizar a desigualdade de gênero, constatou-se que os treinadores entrevistados não se depararam com situações estressoras, as quais cogitariam estratégias de enfrentamento, relacionadas as questões de gênero. No entanto, em situações complexas, os mesmos reportaram que adotariam posturas relacionadas ao diálogo, as quais contribuiriam para minimizar qualquer ocorrência de preconceito ou discriminação de gênero que pudesse comprometer a equipe.

Por mais que um treinador obtenha conhecimentos e tenha atenção e comprometimento em suas ações, a presença de um profissional da Psicologia do Esporte é imprescindível, para assegurar maior possibilidade de sucesso em intervenções ou situações estressantes, inclusive, perante as manifestações estressantes que ressaltam as diferenças de gênero. Com base nos resultados do estudo, pode-se perceber que as estratégias de *coping* utilizadas pelos treinadores para lidar com possíveis situações estressantes, reforçam o desenvolvimento de competências sociais e da educação de valores e que o Corfebol pode representar um avanço no que tange à igualdade de gênero nos esportes. Espera-se com este estudo, gerar contribuições em relação as discussões de gênero e Corfebol, tendo como pano de fundo, a Psicologia do Esporte, fomentando ações teórico-práticas, como auxílio para treinadores e técnicos desportivos.



As limitações desse estudo giraram em torno do número reduzido de treinadores que se dispuseram a participar da pesquisa, aspecto que pode ser superado em novos estudos. Como sugestões para futuras pesquisas, podem ser apontadas outras amostras envolvendo atletas, gestores, público LGBT, além das perspectivas de treinadores de países em que haja maior tradição no desenvolvimento da modalidade Corfebol. Com isto, poderá ser impressa maior visibilidade às estratégias de promoção da igualdade de gênero do esporte.

Referências

- ABDEL-SHEHID, G; KALMAN-LAMB, N. Complicating gender, sport, and social inclusion: the case for intersectionality. **Social Inclusion**, Lisboa, v. 5, n. 2, p. 159-162, jun. 2017.
- ANDRADE, A.; BRANDT, R.; DOMINSKI, F.H.; VILARINO, G.T.; COIMBRA, D.; MOREIRA, M. Psicologia do esporte no Brasil: revisão em periódicos da psicologia. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 309-317, abr./jun. 2015.
- BALBINOTTI, M.A.A.; WIETHAEUPER, D.; BARBOSA, M.L.L. **Inventário de coping para atletas em situações de competição**. Service d'Intervention et de Recherche en Orientation et Psychologie (SIROP), Montreal, Canadá, 2013.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1 ed. Lisboa: Edições 7, 2011.
- BURTON, L. Underrepresentation of women in sport leadership: A review of research. **Sport Management Review**, Amsterdam, v. 18, n. 2, p. 155-165, maio 2015.
- CAPRANICA, L.; PIACENTINI, M.; HALSON, S.; MYBURGH, K.; OGASAWARA, E.; MILLARD-STAFFORD, M. The Gender Gap in Sport Performance: Equity Influences Equality. **International Journal of Sports Physiology and Performance**, Illinois, v. 8, n. 1, p. 99-103, jan. 2013.
- CARBALLOS, C. Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina e suas conexões com a Educação Física e Ciências do Esporte. In: SILVA, Paula, C.C. et al. (org.). **Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a Educação Física e as Ciências do Esporte**. Vol.1. Florianópolis: Tribo da Ilha; 2016. p. 13-26.
- CRUM, B. A critical analysis of korfbal as a "Non-Sexist Sport". **International Review for the Sociology of Sport**, Thousand Oaks, v. 23, n. 3, p. 233-241, set. 1988.
- CRUZ, J.; GARCÍA-MAS, A.; STAMBULOVA, N.; LUDIC, F.; MÁRQUEZ, S.; SERPA, S.; JAENES, J.C. PsyTool design and theoretical background. In: World Congress Sport Psychology, 14., 2017, Sevilla. **Anais**. Sevilla, Halmstad University Librar, 2017. p. 212.
- DEANER, R.; BALISH, S.; LOMBARDO, M. Sex differences in sports interest and motivation: An evolutionary perspective. **Evolutionary Behavioral Sciences**, Washington, v. 10, n. 2, p. 73-97, abr. 2017.



DIAS, C.; CRUZ, J.F.; FONSECA, A.M. Emoções, "stress", ansiedade e "coping": estudo qualitativo com treinadores de nível internacional. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 331-342, jul./set. 2010.

FOLKMAN, S. Stress: appraisal and coping. In: MARC, D.G.; J. RICK T. **Encyclopedia of behavioral medicine**. Springer, New York, 2013, p. 1913-1915.

FORTIER, M.S.; VALLERAND, R.J.; BRIÈRE, N.M.; PROVENCHER, P.J. Competitive and recreational sport structures and gender: A test of their relationship with sport motivation. **International Journal of Sport Psychology**, Roma, v. 26, n. 1, p. 24-39, Jan. 1995.

GOMES, R.M.S.; PEREIRA, A.M.S. Coping strategies in Portuguese kindergarten teachers. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 319-326, Dez. 2008.

GUBBY, L.; WELLARD, I. Sporting equality and gender neutrality in korfbal. **Sport in Society**, Abingdon, v. 19, n. 8-9, p. 1171-1185, Nov. 2015.

IKF: International Korfbal Federation [Internet]. **Statutes**. [2017] Disponível em: <http://ikf.org/wp-content/uploads/2015/10/IKF-Statutes-2011-final-revised-version.pdf> Acesso em: 07 de fev. de 2018.

JEANES, R.; MAGEE, J. Promoting Gender Empowerment through Sport? Exploring the Experiences of Zambian Female Footballers. In: SCHULENKORF, Nico. (Ed.) **Global Sport-for-Development Critical Perspectives**. London: Palgrave Macmillan, 2013, p. 134-154.

JOHNSON, M.B. Becoming a sport psychologist employed by a university athletic department. **Journal of Clinical Sport Psychology**, Illinois, v. 11, n. 1, p. 53-66, Mar. 2017.

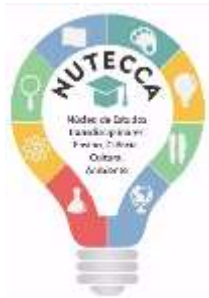
JONES, B.A.; ARCELUS, J.; BOUMAN, W.P.; HAYCRAFT, E. Sport and transgender people: a systematic review of the literature relating to sport participation and competitive sport policies. **Sports Medicine**, Nova Iorque, v. 47, n. 4, p. 701-716, Abr. 2017.

KIRKBY, R. **Gender equity survey shows positive results**. [2016] Disponível em: <http://ikf.org/wp-content/uploads/2016/05/GenderRelationsSurveyReport-2016.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2018.

KRANE, V. Inclusion to exclusion: sport for LGBT athletes. In: Robert J. Schinke et al., (Ed) **Routledge International Handbook of Sport Psychology**, 1 ed. New York: Routledge; 2016, p. 238-247.

LABORDE, S.; GUILLEN, F.; WATSON, M.; ALLEN, M. The light quartet: Positive personality traits and approaches to coping in sport coaches. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 32, n. 1, p. 67-73, Set. 2017.

LAWLEY, S. LGBT+ Participation in Sports: 'Invisible' Participants, 'Hidden' Spaces of Exclusion. In: CAVEN, Valerie; NACHMIAS, Stefanos (Ed) **Hidden Inequalities in the Workplace**. Palgrave Explorations in Workplace Stigma: Palgrave Macmillan, 2018, p. 155-179.



LAZARUS, R.S. **Psychological stress and the coping process**. New York: McGraw-Hill, 1996. 466p.

LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. **Stress, appraisal, and coping**. New York: Springer, 1984. 456p.

LO BUONO, V.; CORALLO, F.; BRAMANTI, P.; MARINO, S. Coping strategies and health-related quality of life after stroke. **Journal of Health Psychology**, Londres, v. 22, n. 1, p. 16-28, 2017.

LOPES, F.J.; ZANETTI, M.C.; MACHADO, A.A. A importância da psicologia aplicada ao esporte: o que os treinadores pensam sobre isso? **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Jundiaí, v. 12, n. 1, p. 07-14, Mai. 2013.

MALLET, C.J.; HANRAHAN, S.J. Elite athletes: why does the 'fire' burn so brightly? **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 5, n. 2, p. 183-200, Abr.2004.

MASCI, I.; SCHMIDT, M.; MARCHETTI, R.; VANNOZZI, G.; PESCE, C. When Children's Perceived and Actual Motor Competence Mismatch: Sport Participation and Gender Differences. **Journal of Motor Learning and Development**, Illinois, v. 1, n. 1, p. 01-33, Mai. 2017.

MCLEAN, K.N.; MALLET, C.J. What motivates the motivators? An examination of sports coaches. **Physical Education & Sport Pedagogy**, Abingdon, v. 17, n. 1, p. 21-35, Jul. 2012.

MEZZADRI, F.M.; MORAES E SILVA, M.; FIGUÊROA, K.M.; STAREPRAVO, F.A. Sport policies in Brazil. *International Journal of Sport policy and politics*. Abingdon, v. 7, n. 4, p. 655-666, Ago. 2014.

MOLES, T.A.; PETRIE, T.A.; WATKINS JR, C.E. Sex and sport: Attractions and boundary crossings between sport psychology consultants and their client-athletes. **Professional Psychology: Research and Practice**, Washington, v. 47, n. 2, p. 93-101, Abr. 2016.

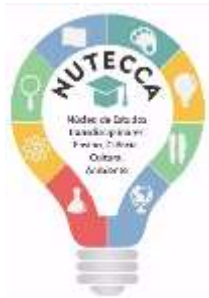
MOOLENIJZER, N.J. Korfball: An International Game of Dutch Origin. **Journal of Health, Physical Education, Recreation**, Londres, v. 42, n. 2, p. 22-25, Mar. 1971.

MWISUKHA, A.; GITONGA, E.; WANDERI, P.M. Towards gender equity in sports: insights into the under-representation of women in sports leadership in Kenya. **Revista Electrónica Actividad Física y Ciencias**. Maracay, v. 2, n. 1, p. 02-31, Jul. 2010.

NOGUEIRA, A.; MOLINERO, O.; DEL VALLE, A.S.; LUCIDI, F.; MÁRQUEZ, S. Identification of gender discrimination in sports: Training of agents of change. **Revista de Psicología del Deporte**, Barcelona, v. 27, n. 3, p. 43-49, 2017.

PLAZA, M.; BOICHÉ, J.; BRUNEL, L.; RUCHAUD, F. Sport = Male... But Not All Sports: Investigating the Gender Stereotypes of Sport Activities at the Explicit and Implicit Levels. **Sex Roles**, New York, v. 76, n. 3-4, p. 202-217, 2017.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2017.



RIERA, J.; CARACUEL, J.C.; PALMI, J.; DAZA, G. Psicología y deporte: habilidades del deportista consigo mismo. **Apunts**, Barcelona, v. 1, n. 127, p. 82-93, Jan./Mar. 2017.

ROSE JUNIOR, D. História e evolução da psicologia do esporte. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 73-78, Jul./Dez. 1992.

RUBIO, K.; ALTMANN, H.; MOURÃO, L.; GOELLNER, S.V. Women and sport in Brazil. In: D'AMICO, Rosa L.; BENN, Tansin; PFISTER, Gertrud. **Women and Sport in Latin America**. 1 ed. New York: Routledge, 2016. p. 69-80.

RUBIO, K. Agenda 20+20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional. **Revista USP**, São Paulo, v. 1, n. 108, p. 21-28, Jan./Mar. 2016.

SILVA, R.L.; RIBEIRO, T.M.; CARMO, E.G.; FUKUSHIMA, R.L.M.; PACHECO, J.P.S.; SCHWARTZ, G.M. Corfebol, empoderamento feminino e igualdade de gênero: perspectiva de treinadores do Brasil e de Portugal. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA, 10., 2017, Rio Claro. **Anais...** Campina Grande: Realize, 2017.

STANGER, N.; KAVUSSANU, M.; RING, C. Gender moderates the relationship between empathy and aggressiveness in sport: The mediating role of anger. **Journal of Applied Sport Psychology**, Abingdon, v. 29, n. 1, p. 44-58, Jul. 2016.

SUDAI, M. The testosterone rule - constructing fairness in professional sport. **Journal of Law and the Biosciences**, Oxford, v. 4, n. 1, p. 181-193, Abr. 2017.

THOMPSON, S.; FINNIGAN, J. Egalitarianism in korfbal is a myth. **New Zealand Journal of Health, Physical Education & Recreation**, New Zealand, v. 23, n. 4, p. 07-11, 1990.

THOMPSON, N. J.; FIORILLO, D.; ROTHBAUM, B. O.; RESSLER, K. J.; MICHPOULOS, V. Coping strategies as mediators in relation to resilience and posttraumatic stress disorder. *Journal of Affective Disorders*, Amsterdam, v. 225, n. 1, p. 153-159, 2018.

WHITE, S.A.; DUDA, J.L. The relationship of gender, level of sport involvement, and participation motivation to task and ego orientation. *International Journal of Sport Psychology*, Roma, v. 25, n. 1, p. 04-18, Jan. 1994.